CONTRIBUIÇÃO PARA AS MEMÓRIAS ACADÊMICAS

Discurso do Professor Doutor Celso Neves, Professor Emérito pela Congregação desta Faculdade

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Recebo, neste momento, o título de Professor Emérito que a douta Congregação houve por bem conferir-me, restituindo-me a honra de nela permanecer, não obstante a jubilação a que o tempo — esse implacável seguidor de nossos passos — acabou por reduzir-me. Mais de três lustros são decorridos, desde aquel'outro momento em que, com pompa e circunstância, nesta mesma sala, intentei e consegui revestir-me das dignidades plenas do magistério, como Titular de Direito Processual Civil, na vaga aberta com a aposentadoria desse eminente Mestre e querido amigo que é **Luiz Eulálio de Bueno Vidigal.** Isso depois de haver exercido, durante cerca de treze anos, a livre docência dessa disciplina, instando que fora ao primeiro concurso por esse outro querido amigo e Mestre que é **Alfredo Buzaid.**

Nesses treze anos em que, como livre docente, regi cursos nesta Faculdade — disse-o, ao assumir a titularidade — procurei cumprir, com a maior gravidade e exação, os meus deveres de professor, agravados pelas tradições da Cadeira, ilustrada por nomes que perfazem uma vigilância conspícua, digna das melhores tradições de cultura desta Faculdade. Como titular, aceitei o desafio imposto aos que ascendem à Congregação, de velar pelo patrimônio cultural que nos legaram as gerações passadas, cuidando em que nos engastes não desfigurassem a obra, feita ao longo do tempo. E foi revestido dessa preocupação que cumpri esse meu itinerário, ao sabor das emoções que o cotidiano da Academia impõe a quem tenha o sentido da sua grandeza e a importância da sua missão.

Fui assim caminhando, dominado pelo carisma do magistério que me repusera, atavicamente, na linha de três gerações de educadores, desde que meu avô materno — constituinte paulista de 1891 — foi professor da velha Escola Normal da Praça da República, ao tempo de Caetano de Campos, continuada na vocação de minha mãe que, ali formada, terminou suas atividades no ensino como diretora do Colégio Batista Brasileiro, nascido na então Praça dos Guaianazes, hoje Princesa Isabel, com o nome de Colégio Progresso Brasileiro, onde tive o meu primeiro contato com a escola, quando os Campos Elíseos constituiam a cidadela domiciliar da tradicional burguesia de São Paulo.

Mas, nestes últimos trinta anos, muita coisa mudou e, hoje, já não vemos o mundo como o víamos à época em que para aqui voltei, após o concurso à cátedra em que me fiz livre docente. Àquele tempo,

nos limites deste Ministério, as regras da Ordem eram rigorosamente obedecidas e os noviços tinham consciência do próprio noviciado, observando a disciplina austera que vinha da Congregação, a partir do **prior in tempus** que dominava a cortesia entre os Professores, acentuando-lhes os privilégios de uma fidalguia cultural que o saber justificava. Ainda temos as precedências na doutoral e convinha que se reavivassem as distinções menores, com que tal hierarquia se manifestava, sem embargo do ímpeto para as parificações que o momento atual revela, a despeito da escala de valores fundamentais estabelecida ao longo da experiência histórica, pela qual se há de medir o significado de cada um de nós, e de todos, na obra comum de construir o destino do homem, no mundo que nos foi reservado.

Nesse plano, a disciplina do poder político há de obedecer a lei da crescente integração social, mediante a redução do **quantum** despótico a níveis que permitam o exercício da liberdade, em termos de maior igualdade.

Os Mestres desta Casa sabem disso e asseguram, com sua atuação no ensino e na prática das virtudes cívicas, o patrimônio cultural que, nesse sentido, tanto a nobilita, realizando um trânsito de prestígio, de geração a geração, com que se mantém aceso o lume dessa sua extraordinária vocação. Foi-me sumamente honroso estar entre eles — o menor de todos — nas prédicas diuturnas destas velhas arcadas conventuais, aprendendo com eles preciosas lições de ciência e vida, testemunhando-lhes o saber e o amor a esta Faculdade, no desfiar contínuo de seus rosários de sonho.

A muitos deles liguei-me mais profundamente, por laços de amizade e apreço. Alguns já partiram e deles guardo recordações que povoam de sombra e luz a minha saudade. Tantos ainda aqui estão, alguns chegados antes de mim, outros depois. Por todos me regozijo, pela nobreza da missão que se impuseram e pelas suas vitórias. A alguns mais agradeço, pela lembrança amiga que se constituiu na razão generosa desta solenidade. A um deles — especialmente quando a todos representa — devo agora mencionar: **Silvio Rodrigues**, meu bom e querido amigo, colega de Turma de 39, hoje Decano, que em nome da Congregação, com o seu verbo encantado e transbordante de prodigalidade afetiva — numa hora que marca um dos instantes mais expressivos de minha vida de Professor — ainda uma vez me confere a honra de tão bela e comovente saudação.

* * * * *

Durante o meu magistério, o mais que pude foi ser assíduo às aulas e não faltar ao preparo de minhas lições. Sem cortejá-los, assim respeitei os meus discípulos que, mercê de Deus, nunca me faltaram com o seu apreço. Tive mesmo a ventura de fazer, entre eles, muitos e bons amigos que me sensibilizam e distinguem com a sua simpatia. Essa a semeadura de que fui capaz, sem maiores predicados mas cuidadosa, no empenho que sempre pus, em fazer com que os alunos realmente fossem estudantes, levando-os à prática das reflexões pró-

PROFESSOR DOUTOR CELSO NEVES

prias, para a formação das próprias convicções. Foi com eles que, desse modo, no ano letivo de 1963, procedi à reelaboração do conceito de **competência**, num exercício de crítica construtiva em que o raciocínio indutivo permitiu, a partir de dados da realidade processual, extremá-lo da noção afim, porém diversa, de **jurisdição**, dando-lhe um sentido qualitativo, para afirmá-la, **subjetivamente**, como o atributo de capacidade para o exercício da jurisdição, decorrente de investidura legítima. **Objetivamente**, vimo-la como a relação necessária, de adequação legítima, entre o processo e o órgão jurisdicional. Nem **medida**, nem **porção** da jurisdição, como, quantitativamente, se dizia.

Mais tarde, a partir da nova classificação das ações, intentada na Aula Magna de 1975, e com o desenvolvimento dado ao assunto no curso de pós-graduação, essas posições sofreram pequenas mas significativas modificações, substituindo-se, no conceito, o vocábulo **jurisdição** pela locução **tutela jurídica processual**, de melhor sentido e mais abrangência. Essa — a **tutela jurídica processual** — toma, assim, o posto que sempre se reservou à **jurisdição** que, elementarmente, nela se contém, entre as demais atribuições do Poder Judiciário que não se restringe, apenas, a **dizer o direito**, mas pode **satisfazer**, executoriamente, em segurança de prova ou de pretensão, e participar do aperfeiçoamento de negócios jurídicos que versem sobre direitos indisponíveis. A partir daí, não só o conceito de coisa julgada tinha o seu posto, no plano estritamente **jurisdicional**, como pudemos distinguir, na relação jurídica processual, atividades de natureza variada, todas vinculadas ao princípio dispositivo e ao imperativo da congruência entre o pedido e a tutela.

Nessa rápida pontuação, em que está o sentido de meu magistério, nesta Faculdade, percebe-se o pouco que fiz. Mas esse pouco foi feito de bom ânimo e melhor tenção — sob o pressuposto de que nada há que se possa impor, **ratione auctoritatis**, mas sempre há lugar para o convencimento, **auctoritate rationis** — à linha de um preceito que lá está, no livro do **Eclesiastes**:

> «Tudo que te vier às mãos para fazer — diz o texto do **Velho Testamento** — faze-o conforme as tuas forças.» (9:10)

O que aqui me foi posto às mãos para fazer, sempre o fiz conforme as minhas forças, com o maior empenho e a melhor dedicação, fiel a esse postulado ético da Antiga Aliança que me tem servido de norte, assim nas graves como nas singelas nunciaturas. Mais do que segundo as minhas forças, o que aqui fiz, fi-lo com amor, para velamento do que esta Casa representa, para a nossa terra e para a nossa gente.

Disso dei testemunho, ao empossar-me no cargo de Professor Titular, ao referir que, tocado pelo encanto das tradições desta Faculdade — desde que aqui conclui o bacharelado — mantivera

> «a candeia sobre o velador, na esperança de um dia formar na doutoral, para ser um dentre os eleitos — embora o menor deles — que, dia a dia, aqui realizam o milagre da

eucaristia, em nome daquele mesmo ideal que transformou a tranqüila São Paulo nos Campos de Piratininga na buliçosa sede de um dos cursos jurídicos que primeiro se instalaram no Brasil.»

Ao completar-se o século e meio de sua existência, foi-me grato recordar o seu passado e confessar:

> ««Quando penso na magia da nossa Faculdade e procuro explicar o seu feitiço, percebo, apenas, o encantamento que a nós todos nos envolve, sem alcançar o sortilégio que nos impõe emoções coincidentes de liberdade, de reverência e apreço, de ternura e amor. Tudo isso perfaz o espírito das Arcadas, desde que o primeiro estudante por ali perambulou, sonhando sonhos de audácia e heroísmo, próprios dos tempos que então corriam. Tudo isso o transcorrer dos tempos fez mais denso, ao sabor das tradições que ali se foram acumulando. Tudo isso é a soma das vidas que ali foram sendo vividas, é a multiplicação das glórias que ali se acumularam, alicerçando as bases da nossa cultura, armando a estrutura do nosso civismo, formando, assim, os nossos anseios de liberdade. Tudo isso é a historia da nossa história, somos nós, o povo deste país imenso, em busca do seu futuro, a alma de uma nação, voltada... para(a) afirmação de sua autenticidade. Tudo isso é o espírito da Academia, a explicar-se, por si mesmo, sem nenhum sortilégio, e a impor-se pela realidade de sua própria eloqüência.»
>
> «O fascínio que a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco sempre exerceu sobre a mocidade de São Paulo e do Brasil explica-se... pelo que a classe dos advogados sempre significou para o nosso país, pontificando na jurisprudência, nas letras, nas artes, na política, nomes que, identificados em sua formação, integram a galeria dos heróis de nosso país, desde um Marquês de São Vicente a um Ramalho, a um Rui, a um Pedro Lessa, a um Mendes Junior, para não falar dos mais recentes.
>
> Passam os tempos mas não passa o tempo transdimencional desse encantamento que domina a velha Faculdade e explica o seu fascínio, a marcar, permanentemente, o bater, compassado, de todos os corações que vivem a sua grandeza e aspiram o seu altíssimo senhorio.»

Durante a livre docência, observei com unção a disciplina do culto, «fui assíduo às orações matinais, fiel aos serviços vespertinos e constante nas celebrações a que a noite acrescentava o sabor das horas prolongadas.» Como titular, não descurei desses misteres em que pus ainda maior empenho, para não desmerecer as mais altas responsabilidades que então assumira.

A experiência demonstrou-me que a linguagem erudita e o pedantismo das questões propositadamente complexas, não se compadecem

com as exigências do ensino que reclama do professor uma linguagem simples, desataviada, em que a linha fundamental do assunto transpareça, clara e incisiva, da exposição, em termos que não levam às nuvens os circunstantes perplexos. Isso significa a necessidade de tornar singelas questões complexas e não expor complicadamente, temas de fácil apreensão, sem perder de rumo o sentido fundamental das lições e o endereço a que são destinadas. Todavia, o discurso há de ser escorreito, para habituar os alunos às exigências instrumentais da profissão que não prescindem do rigor dos conceitos e de sua adequada formulação, sem concessões à vulgaridade.

Assim procurei cumprir o meu dever, à linha preceitual da **Antiga Aliança**, «conforme as minhas forças».

Dizer, pois, que me apraz este momento, que me comove o seu sentido, talvez envolva alguma vaidade, a que, entretanto, não me furto, porque fazê-lo seria repudiar a aspiração que sempre alimentei, de ascender, aqui, à docência, seduzido que fora, como tantos outros — de maior porte e de melhor quilate — pela eminência austera e dignificante do magistério superior, nesta Faculdade.

* * * * *

Na vida de cada um de nós há o **ontem** e o **hoje**... o **aqui** e o **ali** — duas dimensões que se separaram quando o momento original cindiu-se em **tempo** e **lugar**, porque alguém se deu conta de que existia e estava. Ser e estar é ter consciência disso, no tempo e no espaço que são as dimensões necessárias da existência humana, em sua transitoriedade.

Ao sabor dessas circunstâncias, pressinto que a fugacidade deste momento divide o tempo entre passado e futuro, numa reafirmação, aqui, do nosso próprio destino. E é nessa reiteração de espaço e tempo que me apercebo de que é este o lugar... é esta a hora de inclinar-me, reconhecido, pelo privilégio que a Douta Congregação me concedeu de viver, aqui e agora, as emoções em que renasce o sentido de minha vida, para lembrar, na frase poética de **Fernando Pessoa**, que

> «cada coisa a seu tempo tem seu tempo
> não florescem no inverno os arvoredos»,

sem esquecer, todavia, que há sempre primaveras, para fazê-los reflorir. E assim retomo o velho caminho,

> «Caminho longo... batido,
> Que vem ter aqui... agora,
> ...
> Onde o vulto das Arcadas,
> Marca em volumes de pedra,
> Claros vazios abertos»,

por onde se alonga o sentido do que fomos, do que somos, do que seremos, todos nós, nos fastos desta Velha Academia do Largo de São Francisco...